

Perdas com as mudanças climáticas já são realidade¹

As enchentes que devastaram o Texas no início do mês e mataram mais de 100 pessoas, causando perdas de dezenas de bilhões de dólares, são a mais recente amostra dos crescentes custos, materiais e de vidas, que eventos climáticos extremos vêm impondo a cada dia em algum lugar no planeta. As mudanças climáticas estão aumentando a frequência e a intensidade de ondas de calor extremo, o que transforma secas, incêndios florestais, furacões, chuvas torrenciais e enchentes numa espécie de “novo normal”, com consequências de longo alcance. Tais eventos têm efeitos negativos significativos nas economias.

Essas catástrofes e perdas tendem a acelerar à medida que a temperatura média na superfície da Terra aumenta. De acordo com o Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus da União Europeia, 2024 foi o ano mais quente já registrado, e junho de 2025 foi o terceiro mês mais quente já visto.

De 2014 a 2023 foram contabilizados quase 4 mil eventos climáticos extremos em seis continentes, com perdas econômicas decorrentes desses eventos estimadas em US\$ 2 trilhões, a preços de 2023, segundo estudo da Câmara de Comércio Internacional (ICC) divulgado em novembro. Essa estimativa reflete a destruição de ativos físicos, bem como perdas de capital humano devido a mortes prematuras. Esses custos tangíveis e imediatos já estão remodelando comunidades e economias em todo o mundo.

As enchentes no Texas ocorreram na sequência de uma onda de calor extremo que se estendeu da costa leste ao centro dos EUA entre fim de junho e início de julho. Estudo da Allianz Research aponta que essas ondas de calor podem acarretar custos econômicos significativos. Um dia de calor extremo — de temperaturas acima de 32°C — tem um impacto equivalente a meio dia de paralisação por greves, segundo o documento.

No geral, a Allianz Research estima que as ondas de calor extremo podem se traduzir em uma redução aproximada do PIB global de 0,6 ponto percentual este ano. Essa perda seria de 0,5 ponto percentual do PIB para a Europa, de 0,6 p.p. para os EUA e 1,0 p.p. para a China — citando a três maiores regiões econômicas do mundo.

As perdas macroeconômicas líquidas são menores para as grandes economias desenvolvidas, que são mais capazes de lidar com choques negativos na produção e têm maior capacidade de oferecer medidas de alívio (financiadas

¹ Editorial publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/perdas-com-as-mudancas-climaticas-ja-sao-realidade.ghtml>

Acessado em 16.07.2025

sobretudo por dívida), que aparecem imediatamente na medição do PIB, aponta o relatório.

Mesmo assim, os números são cada vez mais astronômicos nos países desenvolvidos. No ano passado os EUA registraram 27 desastres climáticos e meteorológicos individuais com custo de ao menos US\$ 1 bilhão em danos, pouco abaixo do recorde de 28 eventos de 2023, segundo o último relatório atualizado da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (Noaa), de 10 de janeiro. Os desastres de 2024 causaram pelo menos 568 mortes diretas ou indiretas, sendo o oitavo ano de maior letalidade em 45 anos.

Só em 2024, o custo dos danos nos EUA foi de US\$ 182,7 bilhões, o quarto maior já registrado. Este ano, os incêndios florestais em Los Angeles em janeiro causaram perdas de propriedade e capital entre US\$ 76 bilhões e US\$ 131 bilhões, e perdas seguradas estimadas em US\$ 45 bilhões, segundo a Anderson School of Management da UCLA.

Na Europa, tempestades e inundações em todo o continente em 2024 afetaram um total de 413 mil pessoas, causaram a perda de pelo menos 335 vidas e estima-se que tenham custado pelo menos 18 bilhões em prejuízos, segundo relatório sobre o Estado do Clima na Europa, do serviço Copernicus (C3S), divulgado em abril.

Os impactos econômicos indiretos são mais severos para países de baixa renda e economias menores e menos diversificadas, mesmo que ajudas internacionais levem a um aumento de curto prazo nas transferências de renda. Estudo da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), por exemplo, estimava em 2023 que eventos causados pelo calor extremo gerariam perdas de vários pontos no PIB dos países da América Latina. Essas perdas seriam de 3,3% do PIB (em relação a 2023) até 2030 e de 12,5% até 2050.

Temperaturas extremas também reduzem a produtividade do trabalho. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) projeta que o estresse térmico reduzirá o total de horas de trabalho potenciais em todo o mundo em 2,2% em 2030. Os efeitos negativos são mais pronunciados em países em desenvolvimento, onde trabalhadores de baixa renda são frequentemente mais expostos e vulneráveis às ondas de calor — dada a qualidade das moradias e o acesso limitado ao ar condicionado, por exemplo. O fator decisivo para as perdas de produtividade é o número de dias com calor extremo. A capacidade de realizar trabalho físico cai em aproximadamente 40% quando as temperaturas atingem 32°C. Quando as temperaturas sobem para 38°C o declínio na produtividade é ainda mais drástico, de dois terços.

Apesar do crescente impacto econômico, o enfrentamento das mudanças climáticas segue em segundo plano entre os países desenvolvidos, que teriam o compromisso de ajudar a financiar a descarbonização dos países em desenvolvimento e de baixa renda para que o mundo possa cumprir a meta do Acordo de Paris de limitar o aquecimento global a 1,5°C. Nos EUA, segundo maior emissor de CO₂ do planeta em 2023 (dado mais recente disponível) o presidente Donald Trump voltou a retirar o país do Acordo de Paris e está revertendo as políticas de combate a mudanças climáticas de seu antecessor. Já a Europa, quarto maior emissor de CO₂, comprometeu-se a aumentar para 5% do PIB seus gastos com defesa, o que deixa menos espaço nos orçamentos para a emergência climática.